

# a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:  
JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço  
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga  
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor  
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XVI - N.º 210

Melgaço, 1 de Setembro de 1961

## P. JÚLIO VAZ

Encontra-se ausente no estrangeiro, de férias, o director de «A Voz de Melgaço», sr. P. Júlio Vaz. Por isso, este número é publicado sem ele (o ter visto e só essa circunstância nos autoriza (e possibilita) a tornar conhecida uma notícia que deve alegrar todos os que tem por aquele sacerdote a estima que lhe é devida.

Na última reunião de há dias, em Lisboa, Idos directores dos diários do país com o Ministro Adjunto da Presidência, sr. Dr. José Correia de Oliveira, o director dum importante diário da capital referia-se a ele e à sua pena de escritor com os imais rasgados elogios. Considerava-o um dos três grandes jornalistas da especialidade, a par de Correia Marques e Videira Pires.

A quem nunca quis plebiscitar o nome e muito menos saber se é ou não apreciado, esta revelação vai ferir a modéstia mas é das que devem agradar a quantos estimam os valores locais e não tem a menor dificuldade em aceitar os factos tais quais eles são.

Que no regresso da viagem a Espanha, Suíça e França, nos não chame à ordem por esta notícia que publicamos, aliás, com o único desejo de revelar o apreço, em que é tida a inteligência e a vasta cultura dum melgacense.

## DA VILã

**Falecimento** — Em Lisboa, onde, como o naufrago que se agarra à tábuca na esperança de salvação, vieram do Brasil em busca de lenitivo para a sua abalada saúde, acaba de falecer a Senhora D. Ana Cândida de Magalhães Barros, casada, de 44 anos, natural desta Vila, onde a notícia do seu falecimento causou a maior consternação, pois a pranteada extinta, assim como toda a família Magalhães Barros, era muito querida e respeitada.

Paz à sua bela alma e a toda a família enlutada, nomeadamente a seu inconsolável marido sr. José Cândido de Magalhães; a seus tenros filhinhos; a suas irmãs senhoras D. Maria Augusta de Magalhães Barros Rosário e sogra D. Maria Amélia de Magalhães Barros; a seus irmãos srs. Alfredo Eurico, António Augusto, Aurélio Augusto e José Augusto de Magalhães Barros e a suas tias senhoras prof. as D. Maria do Nascimento de Magalhães Rodrigues e D. Emilia da Conceição de Magalhães Araújo, apresentamos os nossos centidos pésames.

**O tempo e a agricultura** — Vem fazendo um calor de cozer bolinhos ao sol, como dizem os brasileiros; o que em todo o caso é bem melhor do que se alagasse tudo com chuva como no ano transacto..

Os milhos continuam bons; as uvas mantêm o seu estado, e feijões há-os melhores e outros piores; mas no conjunto satisfatórios.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Setembro, podem semear: — aipo, alfaces para inverno, beterraba para salada, cenouras, chicorias, couves diversas (especialmente repolhos), cebolas, espinafres de grão áspero, feijões (só nos primeiros dias do mês, em sítios quentes e abrigados e da variedade anã para comer em verde), nabos, rabanetes, salsa, etc.. Tam-

(Continua na 3.ª página)

## Crónica de Paços O caso de alguns estudantes portugueses do Ultramar que saíram clandestinamente do país

Festas da nossa terra!

Nesta freguesia antigamente faziam-se as festas em honra de S. Sebastião, S. António, S. Ant. e SS. Sacramento e a de N. Senhora de Lurdes. Ne se tempo erám poucos os emigrantes desta freguesia e no entanto as festas faziam-se, e tudo chegava.

Hoje em dia, só se fazem as festas de S. Ana e Senhora de Lurdes e sob Deus com que dificuldade.

Outra já que falei em festas permitte-me o querido leitor que faça algumas considerações a este respeito.

Como é do conhecimento de todos a Sãt Sé proibiu e muito bem, as festas religiosas em toda a parte se not um mal entendido a este respeito, e esta freguesia é uma das que estranhou bastante, esta mudança e a prova é que em todas as festas feitas nesta terra havia sempre desgostos, por parte das comissões das festas e do nosso pároco; hoje as festas já se faziam segundo as normas estabelecidas e o povo já estava mais ou menos convencido que as festas deviam ser feitas para honrar os Santos e não o diabo; mas este ano segundo informações o caso foi outro. Em virtude de na nossa freguesia haver rapazes que estão a defender a nossa Pátria em Angola, e depois de a festa de Santa Ana já ter tido o seu início, alguém da família desses soldados pediu para que terminasse a festa. A festa não parou, mas houve discórdias e encomodações sem necessidade e quem ficou prejudicado ficou.

Outra por toda a parte se fazem festas, e o nosso Governo (ind)as não proibiu porque lá entende que o caso não chegou a tanto. Eu entendo que as famílias que tem lá os seus soldados, até se devem mostrar orgulhosas e contentes, por terem os seus filhos a defender a nossa querida Pátria. Agora pergunto eu? Então por uma pessoa da fregue-

(Continua na 4.ª página)

Comentado por "La Nation Française"

Em 15 de Julho, um comunicado do Ministério do Interior revelou o facto das autoridades portuguesas terem tomado conhecimento da actuação, no nosso país, de uma organização clandestina destinada a envolver em actividades subversivas os estudantes universitários naturais do Ultramar que na Metrópole prosseguem os seus estudos. Segundo as averiguações a que se procedeu e o mesmo comunicado divulgou, quarenta e um estudantes do Ultramar haviam atravessado clandestinamente a fronteira, com o auxílio dum pastor protestante e três estudantes norte-americanos, tendo-se o grupo dirigido a França utilizando salvo-condutos falsos expedidos por uma embaixada em Paris de um país africano.

A este caso se refere o jornal "La Nation Française", que, com o título "Os estudantes de Angola", publicou o artigo que a seguir transcrevemos e o qual começa pela apresentação em fac-símile do seguinte documento:

"Eu, abaixo assinado, pastor Marc Boegner, presidente honorário da Federação Protestante de França e presidente da C. I. M. A. D., certifico que Madame Virginia Carvalho Araújo Vieira Lopes foi tomada a cargo pela C. I. M. A. D. E., que assume a responsabilidade das formalidades administrativas quanto à sua estada em França. A C. I. M. A. D. E. assegura igualmente todas as despesas concernentes à sua subsistência durante esta estada".

\*\*\*

"Pela primeira vez, no decurso do sexto congresso da União Internacional dos Estudantes, que teve lugar em Bagdad de 8 a 17 de Outubro de 1960, um estudante português usou da palavra. Representava ele a União dos Estudantes da África Negra "sob dominação colonial portuguesa" então em vias de formação. José Fret — é este pelo menos o nome sob o qual ele fala — não se fez notar pela originalidade das teses que sustentou; repetiu os temas habituais dos propagandistas do anticolonialismo; trouxe também a confirmação do papel desempenhado pelo movimento anticolonialista (M. A. C.) que, antes de se dissolver, se propusera "coordenar a acção dos movimentos de libertação, contribuir para o conhecimento da realidade dos países, desenvolver a consciência nacional africana, esclarecer a opinião sobre as razões e os fins da luta destes povos".

Depois de o haver escutado, o sexto congresso da U. I. E. decidiu manifestar a sua solidariedade em relação à "U. D. E. A. N.", nomeadamente para a concessão de bolsas prometidas aos estudantes das províncias ultramarinas portuguesas. Esta chamada de apoio feita pela U. I. E., de obediência comunista, ao movimento anti-português permite esclarecer numa forma muito particular os factos que se produziram em 2 de Julho de 1961, no posto da fronteira em Hendaia. Foram assinalados recentemente pelo nosso confrade "Côte Basque Soir"; estamos hoje em condições de fornecer alguns dados a esse respeito.

Nesse dia, quarenta e dois portugueses originários de África apresentaram-se na fronteira francesa. Entre eles havia uma dezena de estudantes de medicina, seis futuros engenheiros e alguns estudantes liceais. Não chegaram sós:

(Continua na 3.ª pág.)

## Pelas nossas Termas

Quicá devido ao tempo calmoso que vem fazendo, tem sido enorme a afluência de aquistas às nossas termas; bastando saber-se que só o popular e consagrado «Hotel Ranhada» vem registando a frequência média de cento e trinta hospedes diários, os quais bem gostaríamos de aqui nomear, o que nos é inteiramente impossível, pois isso nos occuparia todo o jornal. Ainda assim mencionaremos os seguintes:

Dr. Manuel Baptista da Fonseca, Dig.mo juiz das Execuções Fiscais e ex-secretário do Presidente do Conselho; P.e Francisco d'Assis, director da «Imprensa Gráfica», da diocese de Coimbra; dr. Fernando Cerqueira Magro, director-clínico das nossas termas, e seu adjunto dr. Joaquim Moreira Alves; dr. José da Rocha Casquilho, advogado em Lisboa; dr. Oliveira Alves, médico do Hospital Militar do Porto; dr. António Ferreira Marques; Evaristo Domingues, director do Grémio de Amazenistas de Mercearia de Lisboa; dr. Manuel Pinto da Cunha; eng.os Júlio Santos Ferreira da Silva e Santos Silva; Joaquim Cesar Lopes e Mário Cruz Costa; António Agostinho, industrial em Lisboa; Manuel Santos Moura, industrial; dr. Amoadio Gomes; David Lopes, dos Estabelecimentos «Cida»; dr. Mário Gonçalves Ferreira, juiz de Direito aposentado; Alberto Filipe Ribeiro; major-médico Artur Alves; dr. Manuel Gonçalves, do Ministério das Finanças; António Boavida, official do Exército; Victor Alexandre, director da Fábrica de Manufaturas «Ambaro»; e, por fim, o nosso conhecido e simpático amigo sr. Vitorino Lopes Sampaio, decano dos aquistas das nossas Termas, que com esta faz 61 anos de frequência às mesmas, hospedando-se sempre naquele conceituado «Hotel».

### CASAMENTO ELEGANTE

Com grande pompa e brilho, realizou-se, no pretérito dia 15, no arquetípico Convento de Pademe, o enlace matrimonial da sra. D. Lígia Domingues Amigo, dilecta sobrinha do rev. P.e António Domingues Amigo, com o sr. Guy Alberto.

Fimda a cerimónia, que foi concorridíssima, o cortejo nupcial, uma extensa fila de automóveis, dirigiu-se para o Peso, onde, no conhecido e acreditado «Hotel Aguas de Melgaço» (Ranhada), foi servido, aos numerosos convidados, um fino e opiparo banquete, cuja ementa não resistiremos a mencionar, ainda que isso faça crescer água na boca a muito lambareiro, a começar por quem escreve estas linhas. Ei-la:

Sopa de camarão.

**Entrantes:** — Presunto de Melgaço, fiambre, vitela assada, lingua ao natural, salpicão de Melgaço, frango assado, lingua escarlata, paio, croquetes de vitela; rissois de camarão, golantines diversas, croquetes de peixe, mortadela, salame «Hafuia» (dinamarquês), maionese de lagosta, camarões, pickles, azeitonas ralhadas e morranes.

**Entradas:** — Arroz à valenciana e filetes de pescada com feijão verde.

**Assados:** — Perú com batata à inglesa, cabrito e leitão da Bairrada.

**Sobremesa:** — Peças decorativas, tortas diversas, bolos variados, queques do São, sonhos, queques de coco, bolo de aniz, pastéis variados, pastelaria húngara, queques de Corinto, bolo-rei, pudim francês, bombons, drops, caramelos, queque de noiva, ananaz ao natural, idem com vinho da Madeira, frutas diversas, cap, chá e café.

**Vinhos:** — Verde tinto e branco, maduro tinto e branco, porto velho, champanhe, licores, conhaques e aguardente velha.

Artístico e monumental o bolo da Noiva, confeccionado numa das melhores pastelarias do Porto e dali trazido em carro próprio para o Peso.

«A Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades do novo casal cristão e deseja-lhe um lar muito venturoso.

## Parada do Monte, 10

(Atrazada na Redacção)

**FESTIVIDADE** — Realizou-se no dia 6 a festa em honra de N. Senhora da Vista na sua capela da Misericórdia, a qual foi brilhantemente pelo alto-falante de Riba de Mouro, Monção. Como de costume saiu da Igreja, às 10 horas, em procissão até à Misericórdia, principiando a procissão às 11 horas subindo ao pulpito à hora própria o Fr. Pe. da Gava que fez um sermão que muito agradou.

No fim da missa saiu a procissão que percorreu o itinerário do costume, havendo ao arrial de tarde e recolhendo todos as suas casas com a melhor ordem.

**NASCIMENTOS** — No dia 26 de julho próximo findo, deu à luz uma criança do sexo feminino a sr. Isaura Rodrigues esposa do sr. Ermindo Esteves, do lugar da Trigueira. Também deu à luz outra criança do sexo masculino, o sr. Maria de Louzã Fernandes, esposa do sr. Justino Esteves do mesmo lugar. Também no dia 2 deste mês deu à luz uma criança do sexo masculino a sr. Maria Afonso, esposa do sr. Manuel Esteves, da A. Grande.

Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sr. Albina Esteves, esposa do sr. Manuel Pires, do lugar da Lagarteira. Também deu à luz uma criança do sexo feminino a sra. Urtelinda Esteves, esposa do sr. Manuel Afonso, do lugar da Trigueira.

A última hora deu à luz uma criança do sexo masculino a sr. Isaura Esteves, esposa do sr. José Esteves, do lugar de Cortegada.

**VIAJANTES** — Vindo de França chegou à sua casa a sr. Amélia do sr. Manuel Esteves, e o sr. Ermindo Pereira do lugar do Carasdal.

**EXAMES** — Este ano todos os alunos das nossas escolas tanto os da 3.ª como da 4.ª Classe ficaram todos aprovados.

Graças a Deus. A menina Maria Esteves fez o exame de admissão e ficou bem. A todos e às suas famílias os nossos parabéns.

IDEM, 25

**FESTIVIDADE EM HONRA DO MÁRTIR S. MAÍME** — Foi no dia 17 que se realizou a festa em honra deste glorioso santo. No dia 16 à noite houve uma imponentíssima procissão de velas que percorreu o itinerário do costume. No fim da procissão fez uma

(Continua na 4.ª página)

## SOCIEDADE

### ANIVERSÁRIOS

**Fazem anos** — Hoje as sras D. Beatriz Ribeiro Lima de Almeida e D. Maria Fernanda de Lourdes de Carvalho e Castro; no dia 3 a sr.ª D. Glória da Conceição Monteiro de Sousa Pinto e o sr. dr. Walter Berger Alves San Payo; no dia 4 as sras D. Florentina de Carvalho e D. Maria Leonor Ribeiro Domingues e o menino David Monteiro da Silva; no dia 5 a sr.ª D. Maria Domingues e o sr. P.e Carlos António Vaz; no dia 6 o menino Manuel Luís Dantas Ribeiro; no dia 7 a sr.ª D. Maria Laura Madeira Marques Craveiro Solheiro de Oliveira, e o sr. dr. Américo Caldeira Carvalhinhos; no dia 8 a menina Maria de Fátima Gonçalves; no dia 9 a sr.ª D. Leonor de Barros Durães Lima e os srs. prof. António Dámaso Lopes (Grilo) e P.e Armando Tito Domingues; no dia 10 a sr.ª D. Maria Rosa Soares Calheiros Lobato, a menina Maria Vitória Fernandes de Magalhães e os srs. Aldomar Rodrigues Soares (Mário) e João António de Abreu; no dia 11 as sras D. Deolinda do Carmo Esteves Carabel e D. Maria Emília de Barros Durães e o sr. Américo dos Anjos Inácio; no dia 12 as sras D. Evangelina do Livramento Gonçalves e D. Maria dos Anjos Domingues Costa e seu marido sr. Joaquim José Guimarães da Cota; no dia 13 a sr.ª D. Maria do Carmo Esteves Cunha e os srs. dr. Alvaro Ribeiro Marinho, Manuel Gonçalves da Cunha e Roldolfo Amadeu Fernandes (Lucas); no dia 14 a menina Estela Pinto Ribeiro, e no dia 15 os srs. Augusto Hipólito Esteves, Jorge José da Rocha e Raúl Gomes de Sousa.

**Visitas honrosas** — São esperados nas nossas Termas, onde tencionam repousar durante a primeira década de Setembro, o meretíssimo juiz de Direito aposentado e nosso distinto colaborador sr. dr. Mário Gonçalves Ferreira e sua Ex.ma Esposa.

Sejam bem-vindos e que a estadia lhes aproveite.

**José Gonçalves** — Com curta demora, mas ainda assim suficiente para nos deixar o seu abraço, esteve entre nós o nosso grande amigo sr. José do Nascimento Gonçalves, importante industrial na Venezuela. Gratos, pela lindíssima «recordação» que nos deixou ficar, a qual teremos sempre perante a vista, enquanto Deus nos for dando vida e saúde.

## Chaviões, 31

**Festividade** — No próximo domingo, 3 de Setembro vai realizar-se mais uma grandiosa festividade; esta a Santa Bárbara nossa protectora contra as más trovoadas. A laboriosa comissão que é composta pelos nossos amigos senhores Augusto Esteves, das Carvalheiras, Armando Rodrigues da Portela e Domingos da Rocha também deste lugar não regateou esforços para lhe dar o maior brilho possível afim de agradar aos gostos mais exigentes e também para não esquecer nada das festas anteriores. O programa não o sei ainda mas posso garantir que vai resultar num grande sucesso. Os concorrentes vindos de fora vão ser muitos porque o local é na Portela do Couto junto à estrada nacional e tem ali um magnífico recinto para passar uma magnífica tarde.

## Colégio D. Pedro V

AV. CENTRAL, 144 — BRAGA

No Internato recebem-se meninas que frequentem o Liceu e a Escola Técnica pela mensalidade de 350\$00 incluída a lavagem de roupa.

Neste mesma Internato, recebem-se igualmente meninas para o Curso de Corte e Costura, Bordados, Malhas e Formação Doméstica. A mensalidade será a mesma como alunas internas, 350\$00 e como alunas externas, 70\$00.

Material Escolar à parte--Pagamento adiantado

### Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço, fomos obrigados a retirar muito original.

Que os nossos amigos nos relevem a falta involuntária.

**O caso de alguns estudantes portugueses do Ultramar que saíram clandestinamente do País**

(Continuação da 1.ª página)

três americanos os acompanhavam: os srs. David Wardell Pomeroy, Howard Kimball Jones e William J. Nottingham. O último, nitidamente mais idoso, parecia ser o chefe deste estranho grupo de comboiadores. Uma pessoa os esperava: a sr.ª Tatiana Metzel, francesa nascida em Berlim, capelã protestante das prisões.

Estes peregrinos dum novo género estavam munidos de duas espécies de documentos: por um lado, os salvo-condutos entregues pelo Consulado do Senegal em Paris conferindo-lhes uma outra identidade diferente da própria; por outro, certificados (reproduzimos um deles) emanados do "Comité Inter-Movimentos junto dos Evacuados (C. I. M. A. D. E.) e assinados pelo pastor Marc Boegner. Este último documento merece que nos detenhamos na sua apreciação. Nele se indica, com efeito, que a C. I. M. A. D. E. "assume a responsabilidade das formalidades administrativas" quanto à estada em França dos estudantes em questão. Esta fórmula, assim como o facto de a C. I. M. A. D. E. aceitar assegurar as despesas com a subsistência deles durante a sua estada em França, demonstra abundantemente que esta organização e o seu presidente exercem uma acção de natureza a permitir aos fugitivos portugueses o trânsito através da França com desprezo pelos regulamentos internacionais. Mas há melhor. Ou o certificado do senhor pastor Boegner não vale nada, ou então o seu signatário está certo, uma vez que o assina, de complicitades oficiais. Pensamos que é a segunda hipótese que convém aceitar.

Com efeito, nós não acreditamos que os quarenta e dois estudantes tivessem sido recambiados para Espanha, como deveria acontecer em consequência da sua situação irregular. Pelo contrário, pensamos que uma autorização de trânsito para a Suíça lhes foi concedida, e até mesmo que a sua chegada não surpreendeu ninguém: as instruções que lhes diziam respeito tinham sido previamente dadas no posto da fronteira de Hendaia.

Tais são os factos. Suscitaram ainda mais os nossos comentários pelo facto de Portugal ser até ao presente, membro da Organização Atlântica. Ora, o que vemos nós? Estudantes que vão, como é evidente, acabar a sua educação revolucionária do outro lado da Cortina de Ferro em Praga ou Berlim-Leste, têm a viagem facilitada pelos americanos residentes em França. Tal medida não deve causar surpresa: trata-se, sem dúvida, duma actividade de "peace corps" do sr. Kennedy. As autoridades espanholas, depois de os haverem prendido, puseram-nos em liberdade. Chegados finalmente a França, beneficiaram de altas protecções para que lhes seja permitido prosseguirem a sua viagem para o Leste. Isto não nos admira, mas permite-nos pedir que cessem certas imposturas e para começar, a que faz do sr. Boegner uma "alta consciência, acima da refrega": uma vez que se faz um trabalho de partido, conhecem-se os riscos que comporta este esforço. Não se finge representar a "consciência dos protestantes franceses" quando se aceita por um lado, trabalhar em íntima colaboração com os autores dos massacres de Budapeste. Isso não nos espanta, mas permite-nos igualmente perguntar quais são as personalidades oficiais que deram as ordens e agiram por forma a que estes quarenta e dois agentes comunistas ou progressistas não encontrassem nenhum obstáculo para irem reunir-se aos instrutores de Praga. — J. M. D."

N. R. — Comentários? Mas para quê? Veja-se o portugalismo destes vários pastores protestantes. Não satisfeitos com a desnacionalização de Angola, vem trabalhar no próprio continente!

**PENSO 27**

Realizou-se no dia 20 a festa em honra de S. Tomé que se venera na sua capelinha na Serra de S. Tomé.

O milagroso Santo desceu da referida Serra e capelinha no dia 19, dando entrada na igreja paroquial para no indicado dia acima citado pelas 9 horas da manhã seguir em procissão num andar, acompanhado de muita gente dando ao termo e com a banda de música de Obando, do visinho concelho de Monção.

A referida procissão chegou à capelinha do S. Tomé pelas 10,30 horas.

Houve missa solene a grande instrumental e com beirão por um bonito andar a grado.

No fim, deu a procissão até ao cruzeiro costado.

Também no dia 24 se realizou a festa de S. Bartolomeu. Às 11 horas e 30 minutos, principiou a Santa missa, com acompanhamento coral a banda de música de Riba de Moura do visinho concelho de Monção ao Evangelho com sermão. S. I. a pro. l. a.

Faleceu em casa de seu estremitado filho, Gostivo, no lugar da Mós, a sra. Rosa de Jesus Domingues de 83 anos. A sua morte foi 50 dias depois do marido. O funeral foi muito concorrido com posturas de todos os classes, Confrarias dos Anjos e Senhora do Rosário.

Chegou de Lisboa de visita a suas famílias: Evangelista Ferreira, empregado comercial, do lugar do Bairro Pequeno; António Rodrigues, empregado comercial, do lugar de Sutilhada Grande; José Domingues, comerciante, residente no lugar das Lages; Joaquim Esteves, empregado, residente no lugar do Pomar; João Esteves Cordero, filho e moço do lugar de Folgueira; Constante Rodrigues e seu marido, empregado na C. R. G. electricidade; Cândido Rodrigues e sua esposa, emp. na C. R. G. electricidade; D. Maria Pereira esposa do nosso presidente José Pereira Lisboa; António Rocha emp. geral do comércio, de Lisboa, Bair-

**O João Lateiro**

(Continuação da 4.ª página)

João Baptista Reis, militou no partido Progressista, tendo sido regedor substituído em 1960 e 1968, anos em que este partido esteve na mó de cima. Porque foi um apaixonado pela divina arte, foi um dos que mais contribuiu para a criação da "Banda da Associação Artística"; e, em 4-7-1907, já com filhos crescidos, casou, na Vila, com Laureana Joaquina Esteves, filha de Caetano Maria Esteves e de Maria de Jesus Gomes.

Parece que ainda o estou a ver nos últimos anos da sua vida, quando já estava transformado numa ingénua criança: rosto bonachão e riso de bon eufant. Parece que ainda o estou a ver, aí por 1929, sentado nos degraus da porta da matriz, rodeado por uns quantos madraços, e parece que estou a ouvir o sino a dobrar a finados pelo passamento de José Dias, de ao pé da Igreja, e o bom do tio João Lateiro a perguntar áqueles:

— A que está a tocar o sino, rapazes?...

— Está a tocar, ti João, pelo Dias, que casou!...

— Ai, sim, e com quem casou ele?...

— Ora com quem havia de casar; casou... casou com a Emília da Adalina.

— Ai, o diabo do "home", agora de velho para o que lhe havia de dar...

E o bom do tio João ria, ria, perdidamente, até às lágrimas, com o novo consórcio do seu visinho Dias, que aquela hora já havia começado a apodrecer e que dentro em pouco iria fazer tejo para Corujeiras.

João Baptista Reis, faleceu, na Rua do Espírito Santo, em 20 de Maio de 1931, adorado pela família e querido e respeitado por toda a gente.

Mário

**Prado**

(Continuação da 4.ª página)

nestas colunas lhe fiquem consignados os seus indelévels agradecimentos.

— Também aqui passou alguns dias o nosso estimado amigo sr. António Perfeito Soares, benquista comerciante da Capital.

— Igualmente aqui está com sua esposa e gentis filhinhos o nosso velho amigo sr. Lindolfo Gonçalves, acreditado comerciante da praça de Lisboa.

— Regressou a França o nosso estimado amigo sr. Jorge José da Rocha.

**RAPARIGAS...**

...precisam-se algumas que saibam coser à máquina em cabedal (ajuntadeiras) para trabalharem em França numa fábrica de luvas e roupas de couro. Informa o

Correspondente

**DA VILA**

(Continuação da 1.ª pág.)

bém podem semear: — erva-molar, luzerna, serradela, trevo e tremçoços.

— É convenientes abrir já as covas destinadas à futura plantação de árvores de fruto e outras.

Vinho espirituoso, bom e rubro é o feito em Outubro.

ro Grande. Manuel Ferreira Paços, emp. no comércio, Lisboa, lugar das Lages. Por hoje fico-me por aqui ficando o resto para a próxima.

**Pinto de Magalhães, L.da**

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas

AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

**Pinto de Magalhães, L. da**

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS  
DE  
"O MEU FICHEIRO"

O JOAO LATOIRO

Era homem ponderado, pacato, sério e honesto; um homem de bem na verdadeira acepção da palavra, este João Baptista Reis.

Quem foram seus progenitores não sei — e creio que ele mesmo também nunca o chegou a saber — senão que nasceu, em Monção, em 1855; assim como também não sei onde, quando e com quem ele teria aprendido tão bem as luzes do seu mister, de que foi um artista consumado; mas fosse onde fosse, e com quem quer que fosse, em 1880 abria ele oficina de funileiro-picheleiro em Melgaço, na rua da Calçada, no prédio ora pertencente ao sr. Pedroso de Lima, — oficina que tanto pela competência como pela seriedade do mestre, foi uma das melhores e mais afamadas das redondezas, onde aprendeu o ofício uma pleiade de funileiros, alguns ainda vivos felizmente.

No seu tempo, estava muito em voga a iluminação a carboreto ou carboneto, e foi então que ele inventou o famoso gasometro "Sem Rival", sistema prático, seguro e económico, que se não fora a electricidade ainda hoje estaria em uso. Até 1908, construiu nada menos do que cerca de duas dúzias destes aparelhos, e depois desta data construiu ainda muitos outros. Aqueles, por ordem cronológica, foram:

- 1.º — Para a "Loja Nova", de António Joaquim Esteves, que era na Praça do Comércio — hoje da República — no mesmo sítio onde agora está a "Samaritana" do sr. Hilário Alves Gonçalves.
- 2.º — Para a Casa do Outeiro, no Peso, propriedade de António Alberto Gonçalves.
- 3.º — Para a "Quinta de Monte Gordo" em S. Quintim, concelho de Sobral de Monte Agraço, propriedade do dr. Frederico Augusto Franco de Castro.
- 4.º — Para a "Vivenda das Esparizes", propriedade de Gaspar Eduardo de Almeida.
- 5.º — Para o "Grande Hotel do Peso".
- 6.º — Para a "Casa da Carvalheira", em Alvaredo, propriedade do dr. Vitoriano da Glória Ribeiro de Figueiredo e Castro.
- 7.º — Para o estabelecimento de Miguel Pita de Vasconcelos, que era na Calçada, onde ora está a loja do sr. José Maria Pereira.
- 8.º — Para a sede da "Tuna Melgacense".
- 9.º — Para a "Farmácia Nova", de Domingos Ferreira de Araújo, que era na rua do Rio do Porto, onde ora está o "Café dos Caçadores".
- 10.º — Para a casa de morada do mesmo farmacêutico supra.
- 11.º — Para a "Pérola do Minho", de Armindo de Lourdes Lourenço, que era na mesma Praça da República, onde ora está o "Café Chave de Ouro".
- 12.º — Para o "Café Melgacense", de José Cândido Lopes, que era num desaparecido prédio ao fundo da referida Praça.
- 13.º — Para a "Associação de Socorros Mútuos" (Centro Artístico Melgacense).
- 14.º — Para a vivenda e casa comercial de António Augusto de Araújo, em S. Gregório.
- 15.º — Para a "Vila Sarali", em Prado, propriedade de António Francisco de Oliveira.
- 16.º — Para o "Restaurante Brasil" no Peso, de Luis José do Outeiro.
- 17.º — Modificação para o seu sistema "Sem Rival" no aparelho vindo de Vigo para José Ferreira Las Casas, da Vila.
- 18.º — Idem, idem, para o aparelho vindo do Porto para José Barbosa Martins, de Alvaredo.
- 19.º — Para a casa do sr. dr. Manuel Joaquim Gonçalves da Vila.
- 20.º — Para a "Padaria Progresso", de João da Cunha Morais (Carranca).
- 21.º — Construção de 32 pequenos gazómetros para a iluminação pública da Vila.
- 22.º — Para a casa de morada de Luis Maximiano Ferreira, de Remoães.
- 23.º — Para a sede da "Associação Melgacense".

(Continua na 3.ª pág.)

Crónica de Paços

(Continuação da 1.ª página)

...sua morrer o restante povo será obrigado a entristecer-se com os doridos? Fiz precisamente três anos se não estou em erro que faleceu nos dias de festa de Santa Anja o nosso amigo Juvenal de Sousa, e no entanto a festa continuou, não é verdade? Mas neste caso este ano para agora não me consta que falecesse ninguém da nossa freguesia tanto em Angola como na freguesia. Não está caso para tanto.

Quer dizer, os outros anos a falta de compreensão era por causa dos billetes e este ano como não havia qual-quer motivo para pegar, tiveram que arranjar este, para assim em vez de contribuírem para o brilhantismo das festas desta freguesia assim contribuírem mais para a sua derrota completa. Sinal dos tempos.

ANTONIO ALVES

Parada do Monte

(Continuação da 2.ª página)

alocação o sr. P.e Justino Afonso (vivia ao acto tocando a música até às 10 horas, sendo queimado o vasto fogo de artifício.

No domingo de manhã houve uma missa cantada a grande instrumental pela banda dos Cadetes de Tangil em honra de Santa Bárbara e S. Sebastião fazendo o Sr. P.e Justino da Vila de Melgaço outra alocação.

A missa da festa principiou às 11 horas subindo ao púlpito a hostia própria o sr. Afonso de Barbeita que com todo o respeito agradeceu. No fim da missa saiu uma imponente procissão. As 2 horas principiou o real tocando a banda e o alto-falante até às 7 horas da tarde, recolhendo-se a grande das suas casas na melhor ordem.

**FALECIMENTO** — No dia 13 entregou a alma a Deus o sr. Justino Beites do lugar do Casal. O extinto contava a avançada idade de 81 anos.

A toda a família enlutada enviamos as nossas sentidas condolências e paz à sua alma.

**VIAJANTES DE VILA VERDE** — Veio passar uns dias com suas irmãs a sra. Rosa Pereira, do lugar de Trigueira.

Vindo de Fátima chegou a sra. Graça do sr. Manuel Francisco Afonso.

PRADO, 26

PROTESTO

Agora mesmo, um meu visinho e amigo acaba de me entregar um bilhete onde se lê:

«Peço-te que não deixes de verberar aquela vil pasquinada, inserida na raquítica folha de couve local, de 20 do corrente, onde se procura nem só enlamear todo o bom povo desta freguesia como também lançar o labau a todos os jovens que foram à verbena do pretérito dia 10 — verbena que como muito bem sabes (ou talvez não saibas) foi realizada extra-programa da festa do Padroiro, com dinheiro angariado em certo sorteio para o efeito efectuado, e em recinto público, profano e bem iluminado. Por isso dizer-se que a falada verbena «proporcionou boa ocasião para as escondidas e por baixo das latas, velhos e novos podem ofender a Deus e a moral dos homens» repito, é um insulto a todo o bom povo desta freguesia e um labau para todas as moças que foram a referida verbena, pois, graças a Deus, Prado não é terra de cafres».

A primeira vista, parece que este meu amigo tem razão, carradas de razão, em vir a terreirolhar pela sua Dama. Porém, analisando bem, nota-se que o escriba autor da tal pasquinada tanto não quis dizer, nem chegou a dizer, embora o insinuasse. Nem a mesma pasquinada se pode atribuir à Redacção, pois esta é constituída por vários, mas tão somente a um despeitado que tendo iniciado lá na tal raquítica folha de couve uma campanha contra todas as festas, em especial as romarias, e ninguém o tomando em consideração, vem desabafando agora daquele modo, quando muito bem o podia fazer contra as pedras da calçada. Veja-se por exemplo, aquela atoarda por ele lançada, em 14-5-1961, na tal raquítica folha de couve — atoarda que ainda não desmentiu — cuja finalidade podia muito bem ser a de criar ambiente de apatia e desânimo entre os portugueses para, assim, não combaterem por Angola, cujo teor é:

«O Governo da Nação já proibiu as festas do mês de Junho», o que é inteiramente falso, pois o Governo da Nação, pela boca do seu Ministro do Interior, nem só não proibiu tais festas, como também exortou todos os portugueses a fazerem a sua vida normal.

Pois não é isto verdade?

...

Com a idade de 69 anos, faleceu, ante-ontem, na sua casa, sítio no lugar do Souto, o nosso respeitável amigo sr. Alvaro José da Cunha, filho de Maria Benedita da Cunha e casado com a sra. Perpetua Emília Lourenço, cujo funeral, que se realizou ontem, ao fim da tarde, foi extraordinariamente concorrido, tendo sido pelo percurso organizados vários turnos.

Repouse em paz o querido amigo e a toda a família enlutada, de modo especial a sua viúva, a sua irmã D. Corina da Cunha Gandência e a seu cunhado sr. Martins Lourenço, apresento sentidos pésames.

—De visita a esta freguesia, estiveram alguns dias o luso-francês Mr. Mário Tavares e sua esposa M.e Tavares (em solteira Adelaide de Jesus Domingues) seus gentis filhinhos Pascal e Cristine e sua sogra e mãe sra. Aurora Augusta Domingues, os quais de Lisboa vieram acompanhados pelo nosso particular amigo e digno agente-técnico de engenharia sr. Joaquim José Guimarães da Costa, sua esposa sra. Maria dos Anjos Domingues Costa e gentil filha menina Isabel Maria Domingues Costa, tendo sido durante a sua estadia nesta hospedes do nosso prezado amigo sr. Anibal Vieites.

Na companhia de outros, entre os quais a sra. D. Rosalina Ribeiro de Barros e a menina Maria do Céu Vieites, visitaram os principais pontos turísticos do concelho, como S. Gregório, Peneda, Fiães, etc., tendo retirado encantadíssimos, nem só com as belezas sem par e com os grandiosos panoramas desta terra sedutora, como também com a cativante gentileza, franca e generosa hospitalidade do rev. Abade de Fiães, sr. P.e Manuel Lourenço, a quem desejam que

(Continua na 3.ª pág.)

# a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço

Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada - Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO - XVI - No 241

Melgaço, 15 de Setembro de 1961

## Nas Arribas de Melgaço

pelo dr. Abel Varela e Seixas

Romagem habitual de férias, na medida do possível se cumpre a mesma, que a afectividade o impõe, quando não o dever. Que também o há, sem ser no campo da obrigatoriedade que, da mesma forma manda a saudade, impõe o coração e o próprio tradicionalismo.

Porisso galgámos céleres, a passo estugado, os quilómetros que nos separavam da origem para a terra de Melgaço, a mais cimeira do norte das vilas nacionais. A aproximação, correndo ao passo da paisagem que se esvaía lá para traz, na proporcionalidade da velocidade do transporte, desbobina-se o filme que nos dizia respeito, egocentrico. No vale, por desinteresse de quem lê, reproduzir um outro cenário, uma ou outra evocatória. Podia ser, e daí talvez não, apenas uma história do próprio homem que conta e narra.

Bem se ergue para o alto, atento e vigilante de séculos, aquele Castelo que é página, é de conjunto de pedras que falam; e por muitas vidas e outras tantas gerações, continuará na sua perpetuidade mostrando às gentes do terrunho que outrora defendeu, que, é hoje digno de paz, embora testemunha viva, constante, da incúria duns ou doutros, da malicência de alguns, que hoje não precisam de se defender a bombardas, bocas de fogo, armas de pedreira.

Assim, e porque — como se disse — é granito que fala não só da História, como também acusa do tal «dulce farniente», epidémico e pegajoso. Fazem-nos, essas pedras, com a autoridade que lhe tem dado a patina dos séculos, as cicatrizes que lhe ficaram das lutas pela Pátria e por El-Rei.

Que pensar daquela curva da Estrada Nacional sobre uma liliputiana ponte, que o próprio país de Lillipute rejeitaria e Guliwer, não quereria por lá passar, que antecede, que está mesmo na entrada da vila?!... Não haverá camartelo, ou outra coisa que a parta?

E as tão cantadas «Escolas», o seu local, a sua implantação, a sua construção? Já o tema merece grifagem, pois bem pode servir de quadro de revista. A velha cadeia, vai servindo, peor ou melhor, até que um dia se possa encontrar local na... Lua, de que, muitos dizem, se aproxima o senhor K do oriente... E daí, quem sabe se as coisas não se complicarão tão bem por lá, dando crédito ao significado do «andar na lua», cá por baixo? Pode haver cruzamentos de estradas, oficinas, bases militares, pontes de lançamento de satélites, muitas dessas coisas, quase pardaladas, das que ouvem cantar o galo de dois países e três províncias... Enfim, temos que nos convencer que isto de escrever inteiramente de graça e para o Regionalismo, tomar posições, é coisa que só conta quando impéra o elogio, ou quando tem de se agitar qualquer coisa para que as águas corram ao moinho do seu dono.

Melgaço, parece por vezes, ter um anátema! Ideias magníficas, belas intenções, desejos de caminhar e tropeções aqui e ali, não diremos nos velhos do Restelo, mas em qualquer coisa do destino. Quem se não lembra, que é ela que mantém o exclusivo nacional duma «presidência» que tanto deu que falar, àquem e além fronteira e cuja última página ainda não deve estar volvida e por ela se perguntará breve?

E quando assim pensavamos, já Monção se abria em amplexo amigo para nós, com ar de festa, menineira, a engalanar-se e a abonecar-se, que Nossa Senhora das Dores ia ser festejada e sair no seu andor, todo flores, prata e ouro. Contemplamos a Deu-la-Deu Martins, admirada que a sua vizinha e amiga, camarada e patriota como ela, Inês, a Negra — que racismo não há por estas, e nenhuma bandas — não vá de canhangulo dar caça ao mafarrico, que por vezes empata.

## Noticias várias

Foi reconduzido no lugar de membro da Comissão Distrital de Lisboa, o nosso querido Amigo, Sr. Dr. Bernardino Pereira Bernardes, distinto professor e advogado na capital.

Ao querido Amigo, devotado nacionalista e católico de firmes convicções, o nosso abraço de parabéns.

— Foi nomeado membro da Direcção da Legião Portuguesa o nosso ilustre Amigo sr. Dr. Júlio Evangelista, de Valença, e deputado pelo Distrito de Viana.

Folgamos com a notícia, tanto mais que o sr. Dr. Júlio Evangelista é um grande combatente da boa Causa. As nossas felicitações.

## Transcrição

Transcrevemos do nosso prezado colega «A Voz de Melgaço», o artigo «Sobre o Simbolismo das Armas Municipais de Melgaço».

Embora o assunto não diga respeito, nem tenha qualquer relação com Ponte de Lima, trata-se de um belo estudo, em primoroso estilo, do nosso ilustre conterrâneo e distinto colaborador sr. Dr. Mário Gonçalves Ferreira.

E assim, entendemos dever deixá-lo arquivado nas colunas de «Cardenal Sariva».

São do «Cardenal Sariva» de 11 de Agosto as palavras que se transcrevem. Graças pela atenção.

## Gralhos

No ultimo número e em «Gente e coisas» do «O meu Ficheiro», por lapsos, a primeira data do exercício de João Baptista Reis como regedor substituto da Villa saiu errada, pois fê-lo em 1906 e não em 1960. Que se nos perdoe.

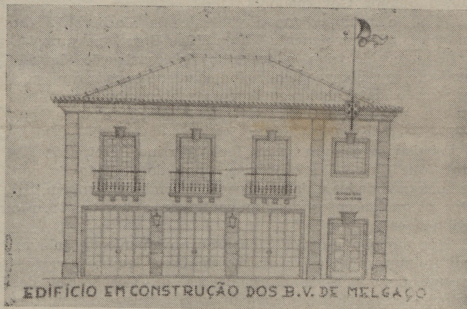
## Um grande dia em Melgaço

(Atrasada na Redacção)

O passado dia vinte e seis foi para Melgaço muito grande. Inaugurava-se então a sede dos Bombeiros Voluntários da nossa terra e, nos Paços de Concelho, era prestada pela Ex.ma Câmara Municipal, uma significativa homenagem aos Senhores Engenheiros Augusto Ferreira Machado e João Manuel da Costa, dos Serviços Florestais.

S. Ex.cia o Senhor Governador Civil do Distrito de Viana quis dar-nos o gratíssimo prazer de se associar a estas festas e estar connosco por dois dias.

S. Ex.cia o Senhor Governador Civil chegou a Penso pelas 15 horas, onde era aguardado por muitos melgacenses de todas as classes. Organizou-se o cortejo, em que se incorporaram muitos carros e dava-se entrada no recinto dos Paços do Concelho, pelas 15,30 horas previstas.



Uma formatura de Bombeiros, em posição impecável, sob o comando do Senhor Sargento Marques, da Guarda Fiscal, com a respectiva Banda, aguardava S. Ex.cia o Senhor Governador, junto dos Paços do Concelho. Foi passada revista.

Deu-se depois início à sessão da Câmara, a que presidiu S. Ex.cia o Senhor Governador Civil.

O Senhor Professor Rodrigues, muito digno Presidente da Câmara saudou, em nome do concelho os Senhores Engenheiros Augusto Ferreira Machado e João Manuel da Costa, pelo muito que tem feito pela nossa terra, no quadro dos Serviços Florestais, mormente na construção de uma apreciável rede de estradas, que, sem aqueles Serviços, só muito tarde seria possível.

E teve S. Ex.cia uma palavra para o clero do concelho, a quem prestou as suas homenagens de simpatia e admiração.

(Continua na 2.ª página)

## Carta aos bravos soldados de Melgaço que em Africa lutam pela Pátria

(Atrasada na redacção)

O espectáculo doloroso e triste denunciado pelas fotografias que sobre os acontecimentos no norte de Angola estão expostas na Sociedade de Geografia, em Lisboa, imprimem, só por si, na alma de qualquer português, a coragem necessária para se sentir no dever de soldado.

Por esses documentos fotográficos tive oportuni-

(Continua na 3.ª página)

## Um grande dia em Melgaço

(Continuação da 1.ª página)

Tomou a seguir a palavra o Sr. P.e Carlos Vaz, que depois de agradecer o muito que os Senhores Engenheiros tem feito pela nossa terra, lembrou as estradas que se fizeram para os nossos santuários, que agora se podem visitar, com mais frequência.

Pelo Senhor Governador foram entregues aos Senhores Engenheiros Machado e Costa os diplomas de cidadãos honorários de Melgaço, em rico pergaminho, ficando assim paga uma dívida do nosso Concelho àqueles Senhores Engenheiros.

Agradeceu, muito sensibilizado, o Sr. Engenheiro Inspector Augusto Machado, com palavras de muita gratidão, que muito emocionaram a assistência.

O Sr. Engenheiro Costa, da Administração de Monção, leu um formoso discurso de agradecimento à gente da nossa terra, ao Seu Presidente e teve palavras de muito carinho para o clero do concelho.

S. Ex.cia o Senhor Governador encerrou esta memorável sessão com palavras de muito apreço para o Ex.mo Presidente da Câmara, para os Senhores Engenheiros Machado e Costa, para a gente da nossa terra e teve também para o clero uma palavra de louvor.

Foi uma memorável sessão esta, em que o concelho prestou homenagem de gratidão ao Senhor Engenheiro Inspector, Augusto Machado que tanto fez pela nossa terra e ao Senhor Engenheiro Costa, que aqui se encontra desde o princípio da sua carreira profissional e aqui tem posto todo o seu carinho.

Bem hajam!

Todos se dirigiram para a sede dos Bombeiros, onde se procedeu à bênção do respectivo edifício, pelo Rev.do P.e Carlos Vaz.

Foi depois organizada uma sessão a que se dignou presidir o Senhor Governador Civil.

Falou o muito digno Presidente da Corporação dos Bombeiros, Senhor tenente Vasco Vilas Boas, que num belo discurso, historiou o trabalho da construção daquela Casa, prestou homenagem a todos quantos passaram pela Corporação, dando-lhe o melhor do seu carinho e terminou pedindo aos melgacenses que acarinhassem a obra, que era da Terra e para a Terra.

Foi dada a palavra ao Sr. P.e Albertino Pereira, de Paderne, que num belo improviso, falou do soldado da paz, das suas qualidades e da sua doação e lembrou também que todos os melgacenses deviam continuar a prestar todo o auxílio à esta obra.

O Senhor Governador Civil usou novamente da palavra, congratulou-se com a construção da Casa, lembrou os passos que dera para a reorganização da Corporação dos Bombeiros e prestou homenagem ao Seu ilustre Presidente, militar distinto e dinâmico e terminou pedindo aos melgacenses que acarinhassem esta obra a que Ele, Governador dera todo o Seu esforço.

Foi, na verdade, uma grande sessão.

Quase se não acredita que a Casa esteja assim. Temos um grande Presidente e uma formidável equipa de colaboradores.

Saudamos o Seu ilustre Presidente e todos os seus colaboradores e não podemos esquecer todos quantos deram a esta Corporação o melhor do seu carinho, desde há tantos anos. Basta dizer que nos primeiros tempos da mesma, se juntaram uns 27.000\$00, que nessa altura era muito dinheiro.

E não podemos esquecer a bela equipa, a que presidiu o Senhor Maduro, da Tesouraria das Finanças, um belo rapaz, cheio de dinamismo e de carinho pela nossa Terra. Que bela época também de grandes funcionários!

Foi servido no hotel Ranhada do Peso um jantar íntimo, em honra de S. Ex.cia o Senhor Governador Civil do Distrito, a que assistiram o Senhor Presidente da Câmara, a Direcção dos Bombeiros, os Senhores Delegados da Legião e União Nacional.

Foi pois um grande dia para todos os melgacenses.

No dia seguinte, 27, cantaria em Rouças a sua missa nova o Senhor Padre José Marques, de Loviô, sobrinho do Sr. Abade de São Paio. Sua Ex.cia o Senhor Governador Civil, dignou-se ficar nessa noite no Peso, para estar presente à festa da missa nova, dando assim à nossa terra o grande exemplo da sua estima e apreço pela alta missão do Sacerdote na sociedade.

Gratíssimos, pela Sua distinta presença.

## Chaviães, 24

(Atrasada na redacção)

Pela segunda vez este ano subi ao alto de Fiães—Acompanhado dos meus amigos Ceriaco de Castro e Manuel de Araújo como herdeiros que somos da levada de Ranhadouro affim de má's uma vez fiscalizar o serviço do nosso celebre levadeiro. Estes dois companheiros que comigo foram ao alto daquela serra são pessoas resolvidas destas que mais vale quebrar que torcer.

Como a iniciativa me deu de mim, dirigi os convites a vários herdeiros mas todos recusavam. Só estes dois amigos foram gentis para comigo e são herdeiros como eu. Saimos daqui da aldeia pelas duas horas da manhã e chegámos aos olhais onde se devida a água pelas quatro horas. Ali quedamos durante o tempo preciso até que rompesse a aurora para continuarmos a subir pelo matagal que ali é abutante e que de noite não se podia andar pela corga do Ervilhal ou Ervedal acima até quase ao alto de Penedal porque é naquelas paragens que esta corga do levadeiro de Chaviães bem como os outros dois Vila e Rouças ainda lá não passaram porque não há vestígios da sua presença ali. Nós munidos das enxadas é que andámos a endireitar as nascentes para aquela corga o que lhe pertence aos levadeiros. Notamos também que em determinada altura a corga foi arrasada e ali fizeram um anelinho desaparecendo assim todos os vestígios, fruto do maldito abandono por parte de todos os interessados. Aqui não estava mal uma vitória por quem de direito a fim de por isto no seu lugar enquanto é tempo. Cortando esta corga para o norte descemos pelo local onde se fala do rol m'grando a outra corga chamada do Convento endireitando sempre todas as nascentes para esta; aqui notamos em toda a sua extensão até aos olhais a completa ausência dos levadeiros. Notamos mais aqui e ali por toda aquela extensão montes de lixo a impedir o curso da água estando esta em muitos locais completamente entancada.

Este lixo é proveniente dos anelinhos pois quando aquela gente corta os feno's tudo que não lhe serve deitam a corga em vez de o queimarem ou arrumá-lo.

O matagal é tanto que em diversos sitios não se vê a água.

Este povo de Fiães não

(Continua na 3.ª pág.)

## PRADO, 11

Da minha última carta, ficou muita coisa na Redacção. Pode ser que agora seja publicada, pois eu já me não lembra o que então escrevi.

—Chegado de Lisboa com sua filha, genro e netinhos, está na sua casa do lugar de Ferreiros o venerando ancião sr. Manuel Joaquim Pinheiro.

—Também vinda de Lisboa está no lugar do Carvalhal a menina Maria Constança Afonso.

—De França, atraídos pelo vinho novo, vieram os nossos amigos José Mendes Pinto (Euclides) e Julio Joaquim de Barros, respectivamente, de Bouça Nova e do Cerdedo.

—Com suas sobrinhas Rosa dos Anjos e Evangelina do Livramento Gonçalves, acaba de chegar à sua vivenda de Santo Amaro o importante e generoso capitalista da Capital sr. Alípio Gonçalves, a quem apresento os meus respeitosos cumprimentos e votos de uma feliz estadia.

—Honrou-me com a sua muito desejada visita o sr. dr. Mário Gonçalves Ferreira, meretíssimo juiz de Direito aposentado, de Guimarães, o qual veio acompanhado pelo meu ilustre amigo sr. Mário Bento Ranhada, do Peso. Muito grato e que se repita.

—Com seus filhinhos está para a Praia de Ancora, a sra. Margarida Colheiros Costa, esposa do nosso estimado amigo sr. António Manuel da Costa.

—Em gozo de merecidas férias, encontra-se na Fichoa, com sua esposa e filhinha, o sr. Faustino José Durães, digno agente da P.S.P. do Porto.

—Tive o prazer de abraçar aqui ao meu ilustre amigo sr. Anibal Amadeu Pinheiro, de Lisboa, que em romagem veio visitar os seus e a terra dos seus maiores.

—Também aqui se encontra o nosso particular amigo e assinante sr. Augusto Luís Ribeiro, de Moscavide.

—Com sua esposa e encantador netinho, esteve alguns dias nesta freguesia meu primo sr. Artur Fernando Soares Monteiro, digno enfermeiro dos Serviços Médico Sociais em Lisboa.

—Está novamente nesta o sr. Manuel José Gomes de Sousa Júnior, esperançoso cabo da Armada.

—No pretérito dia 2, o nosso amigo sr. Amadeu Ribeiro, probo comerciante do lugar da Serra, recebeu a visita de dois clientes que lhe entraram no estabelecimento de modo nada vulgar.

Foi o caso que quando o sr. Manuel António Gomes, soldado da G.F., do lugar da Aldeia de Paderne, seguiu de motociclista, levando em sua companhia seu visinho sr. Venâncio José Gonçalves, ao chegar aquele lugar, para se desviar duma furgoneta, entrou no estabelecimento do dito sr. Amadeu Ribeiro, resultando, tanto o motociclista como o seu companheiro ficarem mais ou menos feridos. Sempre acontece cada uma!

—Já estão repostas ou quase as calçadas que foram retiradas da rua por ocasião da abertura das valas para o assentamento da canalização da água, o que já não foi sem tempo.

—Com grande concorrência de povo, tomou hoje posse de pároco desta freguesia o nosso rev.do amigo sr. P.e Justino Afonso.

Que seja bem-vindo e para ficar longos anos é o que sinceramente lhe desejamos.

—E, finalmente, diz assim o Augusto Caçolas: Eia pá! que o meu homónimo e colega nas letras, está muito, muito... queque!...

—E, rematou o Augusto Caçolas: «Safa! que o meu homónimo e colega nas letras, está mesmo, mesmo... queque! Até já confunde Governador Civil com Governo da Nação. Estragos do tempo...». Sem comentários...—C.

## De S. PAIO

Foi colocado em Vila Nova de Famalicão o sr. António Fernandes, que, na Carpinteira, passou uns dias de licença.

—Para Ancora têm ido várias pessoas desta freguesia.

—Os caminhos que atravessam S. Paio estão pessimamente conservados.

Parece que esta freguesia ainda a deriva, como um navio, no mar, sem leme... — As vindimas vão começar brevemente. Só é pena não durarem muitos dias, mas... paciência... — C.

## AUGUSTO ESTEVES

quer-nos tolerantes com os inimigos da Pátria e pede que colaborem com eles

Estávamos, desde o dia 16 de Agosto, no estrangeiro, e, por isso não pudemos ler os números 1.407, 1.408, 1.409, com datas de 6, 20 e 27 de Agosto do «Notícias de Melgaço». Lemo-los, já em Setembro, e pasmamos com o retrato que Augusto Esteves faz dele próprio ao referir-se aos demais.

Da leitura dessa prosa, conclui-se:

Augusto Esteves não só quer tolerância com os inimigos da nossa Pátria como até quer que colaborem com eles, ao menos pelo silêncio.

Duas atitudes formais nos pede, em sua prosa anti-portuguesa:

- 1) que sejamos tolerantes com o protestantismo; e
- 2) esmagado pelas transcrições de jornais católicos e portugueses, que acusam os protestantes como grandes culpados do que se passa em Angola, acrescentou no número de 20 de Agosto este registo da sua cegusaria como homem e como português: «Esta santa gente não só levantou na sua folha de couve inusitado alarido por causa da religião dos protestantes a ponto de os mostrarem capazes dos maiores malefícios contra a pátria — será português o homem que escreve isto em 20 de Agosto?... — como se eles não fossem portugueses ou no peito não alimentassem bem vivo o patritismo lusiada — mas ainda tiveram a infelicidade de esquecer — que dividir os portugueses em África é combater Salazar no continente»...

Antes de respondermos a Augusto Esteves, sempre queremos registar este facto: Augusto Esteves no jornal de que é dono e quase único colaborador, já publicou uma entrevista, exigindo que Salazar fosse corrido do poder...

Isto só para documentar a lógica de pensamento e de acção deste patriota Augusto Esteves...

Ora — pois não é necessário apresentar documentação nossa — vamos transcrever de «jornalecos» e «folhas de couve» nacionais e estrangeiros mais alguma coisa para provar que o Holden, chefe da U.P.A. não escrevia melhor acerca da acção anti-portuguesa dos protestantes no caso de Angola. Até citamos «A Voz do Domingo».

Holden e Augusto Esteves escrevem da mesma forma... Que coincidência!...

«O Debate» de 1 de Abril escreveu: «Os recentes acontecimentos em Angola ligados a numerosos factos isolados desde há muitos anos verificados e que podem ser atestados por numerosas pessoas naquela terra portuguesa obrigam-nos a denunciar por uma vez certas políticas que mais parecem obra de viscerais inimigos nossos, moscovitas, do que acções toleráveis por parte de estrangeiros que se apresentam como amigos. E' o caso da acção, nem sempre clara, das missões protestantes, plenas de meios materiais de actuação, empregando numeroso e bem pago pessoal estrangeiro, mas cujo espirito e obras, em capítulos importantes, tem de merecer severo exame. E' que há sangue inocente e de inocentes a pedir justiça; cento e meio de pessoas, inclusive crianças de tenra idade, suprema aberração, foram pura e simplesmente assassinadas, premeditadamente. Brancos, pretos e mestiços, todos portugueses. Pelo menos um padre católico (foi morto) mas... nenhum fiel, catequista ou missionário protestante... mau sinal! E a tormenta surgiu com mais furor nas zonas mais trabalhadas pelas missões protestantes... péssimo sinal!»

«Mensageiro de Bragança», ao escarpelizar um livro, de título sugestivo, mas de «refinadíssimo protestantismo» faz as seguintes recomendações:

«Para todos: mais precaução e saber descobrir nesses arautos os falsos profetas; para muitos, menos ingenuidade perante a onda subversiva, que se serve também do protestantismo para desfazer a Pátria, como acontece em Angola; e para outros, que se consideram católicos, que o sejam de facto e até que estudem a Religião Católica e não desperdiçiem o tempo, o dinheiro e a inteligência em tudo, menos em aprofundar os seus conhecimentos religiosos».

Augusto Esteves pede para o protestantismo, mesmo que desfaza a Pátria, tolerância!...

«A Voz do Domingo», que Augusto Esteves diz que lhe oferece-lhe este lindo naco de prosa — «Pois não é verdade?» — no número de 10 de Setembro, ainda fresco de tinta:

«Um dos mais influentes inimigos de Portugal em Nova Iorque é o pastor protestante comunista Donald Harrington, protector do Partido Comunista e defensor dos espíritos comunistas nos Estados Unidos. Quem o diz é o «New York Daily Mirror» de Nova Iorque e os alvejados não retorquiram. Para nós não é novidade, mas gostá-mos de ver a confirmação documentada.

—Metodistas e baptistas têm-se mostrado na Inglaterra e na América como os mais envenenados detractores de Portugal. Há entre os mais perigosos terroristas, pastores e catequistas protestantes.

Na prospeccão do petróleo feita por Americanos, fez-se ao mesmo tempo uma larga sementeira de agentes de desnationalização por meio de elementos «missionários» baptistas.

Não háverá maneira de lhes impedir esta acção de traidores à nação que os recebe?»

Não há, não senhor, porque o patriota Augusto Esteves quer tolerância e silêncio para com estes inimigos da Pátria!...

«O Apostolado», de Luanda, de 29 de Julho, oferece esta notícia a Augusto Esteves, para que ajude o delinquente:

«Foi preso em Lisboa no dia 19 o director da Sociedade Missionária Evangélica, Cecil Scott, que vinha acusando as autoridades portuguesas do cometimento de atrocidades na pessoa dos negros em Angola.

O embaixador britânico em Lisboa teria sido autorizado a visitar o preso, e teria a seguir pedido ao Governo português para formular a sua acusação e julgar Scott, ou em caso de não culpabilidade o pusesse em liberdade.»

E — facto de espantar! — havendo imprensa estrangeira que toma a defesa de Portugal contra os protestantes anti-portugueses, há um português, natural de Melgaço, para nossa vergonha, que defende os protestantes que lutam contra Portugal!...

«La Libre Belgique», de 18 de Agosto escreveu em fundo:

«M. Stanton, um inglês residente em Luanda, numa carta ao «Guardian» restabeleceu a verdade.

Em 15 de Março, foi descoberto um complot ao qual se deviam juntar, na região da Serra de Kanda, centenas de negros. Tratava-se de exterminar os brancos de Mavolo. E' lamentável que entre os quarenta terroristas presos, então, a maior parte pertencia à missão protestante de Qui-boco. As Missões protestantes inglesas distinguem-se, de facto, pelo seu zelo anti-português.

Um dos missionários protestantes, dr. Cecil Scott, foi preso em 19 de Julho.

Em Londres, a alma da propaganda anti-portuguesa é M. J. C. Parsons, missionário baptista que multiplica as diligências junto dos membros do governo, das conferências, dos comícios e nos apelos à O.N.U., e que mexerica abertamente com M. Holden, o secretário da União das populações angolanas, e que faz viagens aos Estados Unidos e à Inglaterra».

Ora aqui está o Holden que encontrou um companheiro fiel na defesa anti-portuguesa dos protestantes em Augusto Esteves...

Tantos «jornalecos» e «folhas de couve» que estão em desacordo com o patriota Augusto Esteves.

Nem os anos nem o ódio às pessoas lhe podem desculpar a ignorância de factos que a imprensa regista.

Sabemos que é o único melgacense — pois aqui supomos que não há comunistas — que colabora com os inimigos da Pátria, ao menos por escrito.

Tenha vergonha, se ainda tem sensibilidade, e não esqueça a notícia seguinte:

O Ministro dos Estrangeiros de Portugal publicou em Londres, no dia 4 de Julho um comunicado a classificar de fantásticas as acusações que os protestantes baptistas fizeram a Portugal, neste movimento de repressão aos bandeoleiros.

A Sociedade Missionária Baptista em 14 de Julho quis afrontar a veracidade do comunicado do Ministro português, e lançou um apelo ao mundo contra nós...

(Continua na 4.ª página)

## CHAVIÕES

(Continuação da 2.ª pág.)

estará a transgredir uma lei (ou postura municipal? Poderão arremessar para a corga toda a sorte de entulho prejudicando-nos? Seja como for eu entendo que quem de direito mediante um pequenino esforço devia pôr tudo isto, e não ponho no seu lugar.

O proveito é para a Vila, Rouças e Chaviães. Por tudo que é preciso em ordem e todos os anos, todas os herdeiros à água daquelas duas corgas acompanhados cada um de uma enxada no dia 18 de Julho de cada ano serem obrigados sob pena de multa irem falar ao rol no lugar do costume e no regresso metade do povo por cada corga ao descer vão fazendo limpeza e juntando as águas as quais temos direito.

O actual levadeiro de Chaviães não serve para guardar a nossa água, no entanto, eu sou de opinião que todos lhe paguem porque tem filhos menores e é extremamente pobre mas para de futuro há que o pôr à margem».

A Vila e Bouças deviam também fiscalizar o serviço dos seus levadeiros para assim haver mais respeito.

Chaviães tem que opiar pela nomeação de um levadeiro que dê as garantias precisas e acabar com a peida do adro. Já temos muitas experiências. Acabemos com o baratinho porque quem se veste de ruim tem que se vestir duas vezes por ano.

O NOSSO FONTENÁRIO DO FUNDAO E O SEU MISERÁVEL ESTADO — Este fontenário situado próximo da Igreja onde todos os lugares mais próximos se abastecem inclusive o da Igreja totalizando mais de cem habitantes está em mau estado.

No inverno é um lodaçal enorme devido ao tanque que ali está, chegando a água a atingir mais de vinte centímetros no caminho para lá. O lavadouro todo esburacado e acontece que estão muitas vezes a lavar a roupa, rompe-se e fica vazia não havendo água até para um incêndio que venha a manifestar-se e isto assim não está bem e eu creio que há uma portaria ou uma lei recente que ofereça garantias neste capítulo a todos os aglomerados de mais de cem habitantes.

Ora este bom povo também cooperava com as respectivas autoridades para lhe dar o competente arranjo. Está junto à nossa estrada e não nos honra tal qual

(Continua na 4.ª página)

## AUGUSTO ESTEVES

(Continuação da 3.ª página)

Tenha vergonha, sr. Augusto Esteves, se a sua inteligência já não compreende o que lê e se acredita no que agora escreve a respeito de Salazar.

Repetimos: «Não podemos calar que haja em Melgaço um homem que, nesta hora, faz, e teima em fazer, anti-portuguesismo.

Sabemos que é o único...

Apesar de ser único é uma vergonha para Melgaço que tal aconteça.

Tenha vergonha, sr. Augusto Esteves...

J. V.

## Anomalias Históricas e Críticas de AUGUSTO ESTEVES

Augusto Esteves escreve com tal infabilidade que, repetidas vezes, convida a ir à Calçada para aí ouvir o Mestre da mesma, sem o que saem asneiras...

Ei-las, que ele as escreveu:

I

Em 23 de Abril escreveu que o Concílio de Trento se realizou em 1456.

E' espantoso este historiador!...

Pois o historiador (!) Augusto Esteves coloca o Concílio de Trento em 1456, quando ele se celebrou em 1545-1563.

Aqui Augusto Esteves não teve falta de «brometo», mas de óculos...

O Concílio de Trento realizou-se de 13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563.

II

Augusto Esteves escreveu em 5 de Agosto palavras justas — a respeito do P.e Benjamin Salgado.

Veja-se, porém, a anomalia deste Augusto Esteves: pede que retirem o clero da «politiqice local» onde nenhum milita, e louva, e muito bem, o P.e Benjamin Salgado, que foi membro da U. N., de Esposende, e, em três Comissões, sucessivas, é-o da Distrital de Braga...

Augusto Esteves, não sabe o que quer...

III

Fala, no mesmo número e noutros, em «elogio mútuo» no nosso jornal.

Que culpa temos nós de que os colaboradores do jornal — todos assinam o que escrevem — digam bem?

O que é de estranhar é que Augusto Esteves, não tendo quem de si diga bem, desça ao auto-elogio por escrito, Elogio em boca própria...

IV

No mesmo número de 6 de Agosto acusa, e muito bem, «as loucas pretensões norte-americanas de nos deixarem sósinhos...» e defende os protestantes, sendo os protestantes americanos gravemente culpados nos acontecimentos de Angola!...

Augusto Esteves nem a ele se entende.

V

Neste caso de Angola Augusto Esteves parece aceitar a política de Salazar...

Há anos o jornal de que é dono e quase único colaborador, exigia que corresse com ele...

Anomalias, que o ódio, e as conveniências pessoais lhe ditam...

VI

Finalmente, vamos a uma outra anomalia. Que «A Voz de Melgaço», a qual para Augusto Esteves é um «jornaleco» é folha de couve, traga erros de ortografia, vá lá...

Mas que a prosa de Augusto Esteves, («sr. dr...») traga erros de ortografia, como no número de 6 de Agosto, é imperdoável.

E é este sapientíssimo Mestre da Calçada que escreve para público...

Prdoai-lhe, Senhores.

J. V.

## CHAVIÃES

(Continuação da 3.ª pág.)

está! Autoridades e povo todos unidos muito se podia fazer com pouco custo. — C.

O PATRIMÓNIO CATÓLICO DESTA FREGUESIA ENRIQUECIDO COM MAIS UMA CAPELA — Refiro-me à capela de N. Senhora da Conceição da Quinta Era pertença de vários herdeiros.

O nosso Rev.mo pároco sabendo o mau estado em que estava resolveu e muito bem entender-se com os herdeiros afim de proceder à obra.

Resolveram então entregá-la ao culto público e assim o nosso Rev. pároco coadjuvado pelo nosso amigo sr. Augusto José Pinto e sr. Raúl Domingues proceder àquelas importantes obras por subscrição pública e estão já muito adelantadas.

A imagem de N. Senhora da Conceição já está na nossa igreja paroquial completamente pintada por hábil artista de Braga e aguardando o terminus das obras para lá ser colocada e consagrada em processo em data a marcar por quem de direito.

A comissão dirige-se a todos os paroquianos da freguesia que estão por aqui e fora e ao estrangeiro que tenham a boa vontade de contribuir para este melhoramento que interessa a todos os filhos de Chaviães conforme as suas posses, que N. Senhora da Conceição os ajudará concertiza onde quer que eles se encontrem.

Devemos também ter em conta que não sai barata esta obra.

As ofertas devem ser dirigidas a — Rev.mo Pároco de Chaviães — Melgaço — Portugal. — C.

## Rouças, 12

Ao lugar da Pombeira, vindo da Argentina, chegou o sr. Manuel Esteves, considerado capitalista naquela longínqua nação.

O nosso abraço de boas vindas.

— Foi, há dias, baptizada uma menina, filha do sr. Manuel António Alves, mordomo da nossa igreja e de sua esposa sr.ª Maria Aires. Os nossos parabéns.

— A comunhão das crianças que se realizou no passado dia 27, foi muito numerosa.

— Faleceu em Surribas a sr.ª Emília da Costa, que há anos, regressara do Porto.

— Está entre nós o sr. Continua na 6.ª página

## DA VILA

Agosto, 26

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Em a nossa última carta, entre parenteses e com uma interrogação, ao apelido de D. Rosa Lina Lourenço tínhamos acrescentado o de Magalhães. Era uma pergunta que formulávamos, mas... a interrogação ficou no compondor, o que tanto bastou para que um «sr. dr.», num estilo sui generis e com uma pressa danada, pois nem sequer esperou pela rectificação que como é óbvio só se pode fazer na carta seguinte, mais uma vez se visse estretalar nas pedras da calçada. Pois levante-se, e indireite-se como um homem!...

Ora escrevemos os apelidos assim porque vimos, ou julgamos ter visto, algures atribuindo à mesma senhora o de Magalhães, e por isso perguntávamos, já que não ignorávamos ter D. Lina Rosa Lourenço nascido em 8-1-1872 e ser filha natural de Miquelina Rosa Lourenço. Como, porém, o «sr. dr.», na sua incomensurável sapiência, devassou todos os seus (dela) antepassados, tanto pela cepa paterna como pela materna, até a entroncar nos nossos pais comuns Adão e Eva, isso basta para que todos fiquemos a saber que «nas suas veias não corria uma única gota de sangue de quem quer que usasse tal nome de família»...

Eldgora — porque abyssus abissum invocat — calha-nos a talhe de foice acrescentar que esta senhora em 1908 ainda não havia de viver casada à face de Deus, porquanto isso se deduz do assento de óbito de sua filha Zaida Olga, falecida em 26-11-1915, com 7 anos, pois no mesmo se diz ser esta filha natural; e, talvez ainda o não fosse em 1914, já que no assento de casamento de sua outra filha, D. Esmeralda da Conceição, lavrado em 16 de Dezembro daquele ano, o respectivo Pároco lhe fez o «geitinho» de omitir o ferrete, não mencionando se a nubenta era filha legítima ou não, «malabarismo» que seria escusado se seus pais tivessem legalizado a sua situação.

Quanto ao falecimento do Justiniano António Esteves, não o julgamos assim tão prematuro, pois quando se desbaratam um ror de anos lá pelas doentias terras de Santa Cruz e se consegue viver até aos 76 anos... já se não vai muito rial deste vale de lágrimas. Isto, claro — que não haja confusão — se as informações de que nos servimos estão certas...

Agora, quanto a salubridade de lugares... realmente a maior ou menor longevidade de quem neles reside, não é prova concludente, já que neste mundo se morre de qualquer coisa, em qualquer lugar e de qualquer idade. Tenha-se só em vista o bairro da Calçada, que reputamos um dos mais sadios da freguesia desta Vila, onde em 10-9-1936 (?) a Parca ceifou a vida desse lindo botão de rosa que em vida se chamou Belarmina Cândida Esteves.

E bõnda... por hoje, já se vê!

Crispino

N. R. — A nossa ausência no estrangeiro impediu que muito original, que hoje se publica, fosse publicado no dia 1 de Setembro.

E tudo por falta de espaço.

Assim aconteceu com esta entrada do Mário, a qual saiu em 31 de Agosto na carta de Melgaço para o «Diário do Minho» e não pode sair em «A Voz de Melgaço».

Que colaboradores e leitores nos perdoem.

Para remediar o facto, publicamos este número com mais duas páginas. Apesar de tudo ainda deixamos original para o próximo número: correspondência de Parada, um artigo sobre o «Movimento Nacional Feminino» e um escrito do nosso colaborador Alberto de Castro.

## ALVARO JOÉ DA CUNHA

AGRADECIMENTO

Sua Família, extremamente sensibilizada pelas demonstrações de pesar e pelas palavras de consolo recebidas por ocasião do rude golpe que tanto a alcançou, vêm, por este meio, manifestar o seu indelével reconhecimento a todos aqueles que tão carinhosamente se associaram a sua grande dor e acompanharam o corpo do querido extinto até à sua última jazida.

Prado — Melgaço, 10-9-1961



## DA VILA

Setembro, 10

**Gralhas** — Geralmente, não costumamos dar caça às gralhas. Como, porém, parece que agora há por aí quem esteja muito empenhado na caça destes bichinhos matamos, na local **Falecimento**, aquela **sogra**, que o sr. Tipógrafo teve artes de substituir por prof.ra; pois assim é que estava no original.

**Mercado semanal** — Foram os seguintes os preços dos principais géneros transacionados no mercado do dia 8.

Milho a 10\$00, o meio decalitro; centeio 14\$00, idem; feijão mistura 8\$00, idem; idem branco a 12\$00, idem; batatas a 1\$20, o quilo; cebolas desde 1\$50, idem; galos, galinhas e frangos desde 30, 25 e 15\$00 cada, respectivamente; ovos... de tarde não sabemos, mas de manhã pagamo-los a 12\$00 a dúzia, e alguns pareciam de pomba...; e sardinhãs a 4\$50, idem. Houve muita fruta, boa e barata.

**Atropelamento** — Por terem sido atropelados na Veiga de Lamas por um automóvel de aluguer, receberam tratamento no Hospital da Misericórdia António dos Santos da Silva, de 20 anos, e sua irmã Maria Laura, de 23 anos, ambos solteiros e residentes em Queijada, concelho de Ponte de Lima. A Maria Laura apenas apresentava leves escoriações na perna direita, mas o António teve o fémur da perna esquerda fraturado, pelo que depois de tratado transitou para o Hospital de Santo António do Porto.

**Ouro desastre de viação, este mortal** — Quando, no regresso da romaria da Penada, o sr. Manuel Fernandes, da freguesia de Tangil, do visinho concelho de Monção, ampuirava o automóvel, ficou gravemente entalado entre o veículo e uma parede, pelo que foi conduzido ao Hospital desta Vila, onde pouco mais lhe puderam fazer do que reconhecer o óbito.

Paz a sua alma.

**Pousada de turismo** — Foi decretada previamente de utilidade turística a estalagem a construir na Praça da República desta Vila pelo sr. Hilário Alves Gonçalves, cujo custo total será de 1.500.000\$00, devendo a sua construção ter início imediato e durar provavelmente cerca de dois anos.

Não vale a pena encarcerar a grande necessidade que Melgaço tinha dum estabelecimento do género; por isso daqui enviamos um abraço de parabéns a quem o nosso querido amigo, nem só pela sua feliz iniciativa como também por ter aproveitado o nosso alvitre que há anos aqui lhe deixamos.

**Quartel dos B. V.** — Foi em 26 do mês findo que S. Ex.a o Senhor Governador Civil do distrito se deslocou a esta Vila, a fim de, numa singela mas significativa cerimónia, inaugurar o novo quartel dos B. V. M., importante melhoramento que se fica a dever nem só à generosidade dos bons melgacenses, como também ao brio, iniciativa e dinamismo dos srs. Mário Ferreira Maduro e tenente Vasco Machado Ferreira Vilas Boas; dois estranhos ao concelho, que por isso bem merecem dos melgacenses.

A propósito de bombeiros, entendemos dizer aqui, aito e em bom som, que a sua fundação em Melgaço se deve ao sr. dr. Américo de Freitas Coutinho Maltez, que nesta comarca foi integerrimo juiz de Direito de 1925 a 1929, pois foi só devido ao seu alto prestígio que a respectiva Comissão, por ele presidida, conseguiu angariar o capital para o efeito.

Para que conste...

**Falecimento** — Apenas com 25 anos e vitimado por uma doença que não perdoa, faleceu, há dias, no

## Carta aos bravos soldados de Melgaço que em Africa lutam pela Pátria

(Continuação da 1.ª página)

dade de ver com os meus próprios olhos a forma horrorosa como se processou o assassino de homens, mulheres e crianças. Vi mulheres decapitadas e desventradas. Vi homens brancos e de cor despedaçados, mortos, com os membros separados à distância. Vi crianças degoladas no seu próprio berço.

Os nossos inimigos querem com o fruto do terror provocado pelo sangue da chacina e pela mutilação de tanta e tanta gente — e até do próprio corpo da Pátria — espoliar-nos da terra sagrada que nós, portugueses, sobemos civilizar e desbravar, com suor e lágrimas.

Por tudo isto, Soldados amigos, a vossa presença em Angola honra-vos e a Melgaço. A vossa coragem e bravura (sublinhada pelos próprios oficiais) honra Portugal e há-de por certo constituir um dos fortes estímulos para a reedificação da Paz nessa nossa provincia ultramarina.

Sei bem que a vossa missão não é tarefa fácil; mas o vosso brio como Soldados e como homens é capaz de ultrapassar todos os sacrificios que a Nação tem o direito de exigir dos seus filhos.

Lutareis, aí, e nós aqui, para que a bandeira das quinças continue a flutuar em Portugal, na nossa Angola de há cinco séculos, ou em qualquer bocadinho disperso por esse mundo imenso que os avós dos nossos avós souberam assimilar docemente e nos legaram com amor e carinho.

Portugal inteiro está convosco, vive convosco todas as ansiedades, porque os seus filhos não querem de forma nenhuma ser a vergonha dos seus antepassados e não querem igualmente trair por incúria ou covardia a eternidade da sua Pátria.

Por isso lutaremos todos sem desânimos até ao momento em que o clarim faça soar as notas da vitória. E não será pecado asseverar que todos os portugueses dão o melhor do seu esforço, alheios a sacrificios e até para além do limite das suas possibilidades, cientes de que vamos vencer e convencer os nossos inimigos do erro gravíssimo que, estão a cometer.

(Continua na 6.ª página)

lugar da Assadura, freguesia desta Vila, o sr. José de Freitas, solteiro e muito astimado.

A toda a família enlutada, de modo especial a sua mãe sr.a Maria de Freitas, apresentamos sentidos pésames.

**Romaria da Penada** — Não há memória de tão intenso trânsito automóvel que haja demandado a romaria da S.ra da Penada como o deste ano, pois se contaram por centenas de veículos, entre auto-carros e carros-ligeiros, tanto particulares como de aluguer que subiram a estrada nova.

Talvez isto seja uma resposta aos puritanos... crocodilos que pugnam pela proibição das nossas festas e romarias... Sabe-se lá...

**Precisam-se...** — ... vinte raparigas, ou mesmo mulheres, que saibam coser à máquina em couro (ajuntadeiras) para trabalhar em França numa fábrica de luvas e vestuário de couro. Informa o **Mário Prado—Melgaço**.

**O tempo e a agricultura** — Continua o tempo seco, e agora bom seria que ele assim se mantivesse, pois ceifa dos milhos já teve seu início e as vindimas já estão muitas marcadas para esta semana.

## Sociedade

### Aniversários

**FAZEM ANOS** — Amanhã o sr. Tibério Correia de Sousa e a menina Lisete Maria Gonçalves Pereira; no dia 17 a sra. D. Maria Leonor Gonçalves da Motá Solheiro e as meninas Delfina Gomes de Sousa e Maria Odete de Sousa Calheiros; no dia 18 a menina Maria Leonor Gomes e o sr. Luís Gonzaga de Araújo; no dia 19 o sr. Amândio Lopes de Sousa Cardoso e a menina Maria Apriça de Sousa Cerqueira; no dia 20 o sr. Manuel Augusto Lourenço; no dia 22 a menina Rosa dos Anjos Gonçalves; no dia 23 a sra. D. Deolinda Pereira e o jovem Fernando Augusto Inácio; no dia 24 o sr. Adriano Aliano Alves e o jovem Henrique Augusto Bermudes; no dia 25 a sra. D. Maria Angelina Alves Solheiro, o sr. Joaquim Inácio e o menino José Henrique Trancoso Bermudes; no dia 26 a sra. D. Maria Teresa Alves Carbel e a menina Fernanda Manuela Marinho Carneiro Giraldes; no dia 27 o jovem José Joaquim Domingues; no dia 28 a menina Maria Teresa Solheiro e de Barros Henriques, o sr. Oceano Gomes de Sousa e os jovens António Gonçalves Merim e António José Ribeiro Domingues; no dia 29 a menina Maria Margarida Dantas Ribeiro e o jovem Jonatas David de Jesus Soares Monteiro, e no dia 30 o sr. Evaristo Domingues (Penso).

**NOTAS PESSOAIS** — Chegados de Benguela, Angola, encontram-se entre nós o sr. Hermenegildo José da Mota Solheiro e sua esposa sr.a D. Maria Rosa de Sousa Lima Solheiro.

— Cumprimentamos nesta Vila a sra. Ant. de Araújo, seu filho Arnaldo e sua filha Florinda, de Lisboa.

— Foi em nomeados párcos de Prado e Remoães, Paços e Penso, respectivamente, os rev.dos P.ºs Justino Afonso, Manuel de Magalhães Fernandes e Manuel Bento de Sousa e Silva.

Continua na 6.ª página

## Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL E RESERVAS: Setenta e cinco milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas  
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas  
AMARANTE \* ARCOS DE VALDEVEZ \* PENICHE \* ELVAS \* VILA DA FEIRA \* FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

## Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

# MISSA NOVA

No passado dia vinte e sete, coube a vez à risonha freguesia de Rouças, que viu subir os degraus do altar, para nele, oferecer, pela vez primeira, a Víctima immaculada, o sr. P. José Marques, de Lovió.

Tudo foi preparado de antemão, de maneira que nada faltasse.

A igreja de Rouças pôde receber nesse dia, não só muitos paroquianos que vieram tomar parte nas alegrias de um seu confratão, mas também os convidados da Família do sr. Padre Marques que eram numerosos.

Presente o sr. Governador Civil do Distrito. Aqui vimos convidados do Porto, da Barca, de Monção, dos Arcos de Valdevez, de Braga etc., bem como um nutrido grupo orfeónico, que veio executar a parte cantante da santa missa.

Presentes ainda os srs. Dr. Gonçalves, da Ponte da Barca, filho de Rouças e o sr. Dr. Costa e Sá, antigo Delegado do Procurador da República e hoje Meretíssimo Juiz de Direito, Eng.º Inspector Augusto Ferreira Machado, a quem a freguesia muito deve, pois não poderíamos subir de carro a esta igreja, se não fora a Sua muita dedicação por esta terra, o Administrador dos Serviços Florestais de Melgaço e Monção grande amigo da nossa terra e da nossa gente, o sr. Eng.º Costa.

A santa missa começou pelas 11 horas. Foi presbítero assistente o rev. pároco desta freguesia, P. Carlos Vaz.

A assistência enchia literalmente a igreja e o sermão foi pregado pelo antigo companheiro de Seminário, o sr. P. Joaquim Gonçalves, da Póvoa de Varzim.

Serviram às primeiras lavandas o Pai do neo-presbítero, o sr. Governador Civil e o sr. Presidente da Câmara. As segundas, os srs. Engenheiros Augusto Machado, Costa e Oliveira.

A cerimónia do beija-mão foi, como sempre, emocionante, aproximando-se do neo-presbítero, primeiro, os seus pais e família e depois toda a devota e recolhida comunidade.

Tudo correu na melhor ordem e respeito e eram as 13 horas, quando os numerosos convidados se dirigiram ao Peso, ao hotel Rocha, onde teve lugar o repasto que foi abundante e muito bem servido e decorreu no meio da maior satisfação.

O sr. Governador Civil não pode estar até ao fim, em virtude de ter de visitar várias freguesias do concelho, retirando-se quase no fim da refeição, acompanhado do sr. Presidente da Câmara.

Fizeram-se vários brindes, em que foi saudado o sr. P. Marques Júnior e seu tio, bem como a sua família, assim como seu pai, sr. Manuel Marques, que já, desde muito novo, fez tudo quanto pode para estudar seu irmão e agora seu filho.

O sr. P. Marques agradeceu, num belo improviso, o carinho de todos e teve palavras de muito apreço para seus idolatrados pais e tio, sr. P. Marques e Família.

Felicidades ao sr. Manuel Marques, digno guarda-florestal em Lamas, e sua Esposa, pela alegria que agora sentiram, ao ver seu filho no altar de Deus, oferecendo o seu primeiro sacrifício ao Pai, que lá dos Céus e no altar, tanto abençoaria o novo sacerdote.

Ao sr. P. Marques Júnior, desejamos muitas felicidades.

## CHAVIÃES, 10

Realizou-se no pretérito dia três deste, a já anunciada festividade a Santa Bárbara na sua capelinha nos arredores da Portela do Conto. O seu vasto programa realizou-se sem faltar nada.

Do anunciado que resultou magnífico, a concorrência foi enorme tanto na precisão das velas no dia anterior, como no dia da festa. Muito fogo e bem distribuído. Pregação admirável. Magistosa procissão, concorrido

arraial de tarde. Os admiradores da célebre dança, também tiveram o seu passa tempo ao cair da tarde, ao som de uma agradável concertina, onde tudo correu bem.

Durante três dias, a afamada cabine sonora Melgacense, mimoseou-nos com belas peças do seu repertório.

Está portanto de parabéns a digníssima comissão que cumpriu bem o seu dever.

Esperemos que para o próximo ano seja pelo menos

## Carta aos bravos soldados de Melgaço que em África lutam pela Pátria

(Continuação da 5.ª página)

E igualmente estou certo que a nossa firmeza e a nossa coragem permitir-nos-á afirmar que Portugal não vende nem cade, e muito menos deixa roubar, qualquer parcela do seu território. Quer dizer que, por todos os meios ao seu alcance e de seus filhos, provará ao mundo que o seu bom povo não é covarde e exige por isso que o mundo o respeite. Portugal não quer nem autoriza que sob a sua bandeira se acoitem assassinos e bandoleiros, uns e outros industriados e pagos, pelo satânico comunismo internacional.

A guerra que nos impuseram tem a finalidade de nos espoliar do nosso património ultramarino aproveitando do mesmo passo a confusão alinhavada e urdida no sentido de levar o país à miséria e ao descontentamento comum.

Resta-nos, por isso, vencer essa guerra com a aniquilação total dos nossos inimigos. Temos de no conjunto, manobrar as armas sem olharmos a sacrifícios, visto ser este o momento em que a Nação no-lo exige sem que possamos ter coragem para lhos regatear.

Portugal está convosco de lés a lés, Soldados amigos, porque sabe bem que sois objecto de todas as provações na defesa da sobrevivência e do destino da Nação. E sabe que lutais pela repressão dos crimes praticados por um terrível exército de terroristas que vai por quatro meses que assassinaram impiedosamente e com os maiores requintes de malvadez muitas centenas de homens, mulheres e crianças, incendiando de seguida as suas habitações e propriedades.

Mas a tempestade há-de fer, finalmente, o seu epilogo. E nesse dia vós, soldados amigos, vireis aqui, ao continente, mas tão somente para abraçar os vossos familiares e lhes dizer que o caminho a seguir é o regresso de todos à terra da esperança. Angola que é sem dúvida, o Brasil de Portugal, estará sempre pronta para vos receber, francamente, de braços abertos, como penhor da Paz que lhe sobastes levar em horas amargas e difíceis.

Abraço-vos a todos, Soldados de Melgaço, com votos das maiores felicidades. E acreditai que vós aí, e nós aqui, de braço dado com os vossos irmãos e com os vossos pais, não permitiremos que nas nossas fileiras se abra bracha. Estaremos sempre de sentinela para destruímos a mentira e os boatos que pela sua natureza condeneável possam gerar ambiente capaz de complicar, mais ainda, a perigosa e delicada missão que vos foi confiada.

Lisboa, 5 de Agosto de 1961.

Anselmo Fernandes

assim. Agora vou referir-me ao recinto e local da festa. Este é soberbo, pois fica junto à estrada nacional, e por conseguinte de fácil acesso. Por fim o recinto deixa muito a desejar, quanto à comodidade dosromeiros.

Como miradouro é o primeiro desta freguesia, pois ali se podem apreciar todas as maravilhas da natureza através do nosso Concelho e do de Monção, e um extenso território da nossa vizinha Espanha, separada pelo nosso político rio Minho.

A festa foi feita num dia esaldante e sombrias não há ali. E porque se não alinhava aquele local, escolhendo árvores adequadas ao terreno? Já tem ali plantado algumas, mas depois falta o competente cuidado de quem de quem e morrem a terra no verão. Se não tivesse em ordem era concerta

um dos melhores locais para uma grande festa, e também um dia confortável para todos os que a frequentassem. Entim, por aqui continuamos com a nossa rotina antiga.

VINDIMAS — Já por aqui começaram prematuramente, pois as uvas ainda não estão maduras, mas como o tempo corre muito ingrato para a agricultura pois estamos atravessando um tempo muito seco, e as uvas estão a mirrar-se de dia para dia, eis a razão de terem alguns já começado. Quanto à quantidade pode calcular-se uma quinta parte dos anos anteriores. Isto é uma calamidade porque muitos contavam remediar-se financeiramente, com algum vinho que pudessem vender. Mas louvado seja Deus e porque não lhe merecemos mais.

## SOCIEDADE

(Continuação da 5.ª página)

— Foi paroquiar as freguesias de Crasto, Nogueira e Ruivos, Ponte da Barca, o rev. P.e Custódio José da Costa, que em Paços deixou muitas e sólidas amizades e uma grande obra nem só espiritual como também material.

— Tivemos o prazer de abraçar nesta vila ao nosso velho amigo sr. Floriano Luís Rodrigues, que, acompanhado de sua esposa, mais uma vez veio de jornada à terra de seus maiores, aproveitando para ir cumprir um ex-voto à Senhora da Penha, feito por ocasião da grave enfermidade que recentemente o acometeu.

— Do Peso, onde esteve doze dias em veraneio e hospedado no popular «Hotel Águas de Melgaço» (Ranhadá) com sua Ex.ma Esposa e criada, retrou para Guimarães, o nosso muito amigo e distinto colaborador sr. dr. Mário Gonçalves Ferreira.

— Chegou do Entroncamento com sua esposa, sra. D. Maria Emilia dos Santos Lima Ferreira, encontra-se entre nós o sr. Manuel José Ferreira, tenente aposentado do Exército.

CASAMENTO — Em 27 do mês findo, realizou-se, na Matriz da Vila de Melgaço, o casamento do sr. Luís Manuel Gonçalves, de Galvão, com a piedada menina Maria Beatriz de Sousa, filha do nosso muito amigo e probo industrial de Beira, sr. Júlio César de Sousa e de sua esposa sra. Benizinda dos Anjos Rodrigues de Sousa, tendo o acto sido paraninificado pelo pai da noiva, pela sra. Maria Olinda Gonçalves de Melo, tia do noivo.

«A Voz de Melgaço» deseja ao novo casal cristão um lar muito venturoso.

## Rouças

(Continuação da 4.ª pag.)

Manuel Domingues de Barros, digno funcionário do tribunal da Régua, sua esposa e filhinha.

— Partiu para o Porto o nosso bom amigo e colaborador, Hilário Augusto Rodrigues, digno guarda-fiscal, acompanhado de sua esposa e filhinha.

— Para Lisboa, partiu a sr.ª Olinda Rodrigues, de Crasto, que aqui veio passar um mês de férias, acompanhada de sua filhinha.

— Foi também baptizado na nossa igreja o menino Manuel Carlos, filho do nosso estimado assinante, Manuel Fernandes e de sua esposa sr.ª Amélia da Cruz Domingues, de Lovió.